

# CANGAÇO, LUTA DE CLASSE<sup>1</sup>

*Sodré Vianna*

O homem estranhou muitissimo que eu tivesse ditto “meu irmão cangaceiro.

Não comprehendia.

Porém eu declarei que o phenomeno mais evidente e mais amplo, no mundo inteiro, é a luta de classes. A luta da maioria opprimida contra a minoria oppressora.

Ahi elle pulou ferido na vaidade intellectual. Eu tinha pisado o callo brabo da alma pequeno-burgueza.

- Boneca pra luta de classes! Tambem sei que ella existe, ora essa! Mas que tem o cangaço a ver com isto?

-Tem muita cousa.

O homem trocou a cara por um ponto de interrogação.

E eu falei que todas as historias de cangaceiros começam sempre por um acto de vingança. É o filho que cobra com o rifle a morte do pae, é o irmão que vae topar na ponta da faca o seductor da irmã, é o humilde lavrador que se desespera com a tomada de suas terras, é mesmo o cidadão sem eira nem beira que se viu brutalizado pela policia e pelos coroneis e “faz logo uma desgraça”... Tudo assim. Pois isto é consequência da luta de classes. Me diga só: se não houvessem as desigualdade sociaes, poderosos, apaniguados de poderosos, tudo junto agindo para manter o poder, que succederia? Succederia que aquelles factos, deixando de exprimir detalhes de um methodo de dominação acceito pela sociedade, e as consequencias desse methodo de dominação, passariam constituir apenas casos isolados de maldade gratuita. Ahi sim: “crimes communs”. Um ou outro, devido sómente aos máos-bofes deste ou daquelle ferrabraz. Mas, nem assim, a elles corresponderiam, como acontece em relação a cada caso do quadro actual, outros tantos cangaceiros. Porque a justiça, sendo então para todos, e não para servir os interesses dos grandes, justiça-de-classe, como é agora, puniria os malfeitores fossem quaes fossem. E os offendidos, satisfeitos nos seus sentimentos de familia, ou nos seu direitos e na sua dignidade de cidadãos, não teriam

---

<sup>1</sup> Crônica publicada originalmente no jornal “A Manhã” no dia 2 de junho de 1935. Biblioteca Nacional Digital / Hemeroteca Digital:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20193&pesq=canga%C3%A7o&pagfis=10602>  
Reproduzimos a crônica aqui com sua ortografia original.

que recorrer á vingança individual e, conseqüentemente, não teriam que se collocar “fóra da lei”. Em essencia, nenhuma differença existe entre o trabalho da cidade que se levanta em grève e se bate contra o desnivel que o relega a uma existencia de escravo – e o homem do campo que abandona a enxada ou o rebanho, afivella as cartucheiras, estrepa um magnata na pajahú e “cáe no cangaço”, cheio de odio.

Ambos exprimem um protesto. O que varia é a exteriorização desse protesto. Cada qual obedece ás circumstancias immediatas que o cercam.

Na cidade o ambiente mais culto, o treino das discussões em syndicatos, uma porção de outros factores cuja enumeração e analyse não cabem num artigo de palmo e meio, imprimem á luta do proletariado um avanço por etapas. O operario é assediado por mil e um cavalheiros que lhe acenam com mil e uma theorias “fogo-de-vista”, pretendendo fazel-o perder tempo e retardar o desfecho aqui e ali, no immenso front da batalha pela liberdade. Em todas essas provas, porém, inclusive nas desillusões que sofre quando o character inflexivel do combate desmascara os demagogos e os trahidores, a massa se politiza, se conscientiza, ganha uma technica e se firma na posse de si mesma, antes de iniciar a jornada decisiva, a jornada das armas.

No campo não ha nada disto. A vida ali é despida, tudo é ás escancaras e em doses drasticas. Os senhores feudaes não se dão ao trabalho de armar ideologias despistadoras: armam logo é o tronco e a tocaia contra os rebeldes que se dão ao luxo de mostrar cara feia.

E a reacção dos que soffrem sob o aguilhão desse jugo immediato, omnipresente, pão-pão queijo-queijo, inverte violentamente o “processo visivel” da luta: começa pelo fim.

É o cangaço.

- E porque é que elle se parece tanto com crime commum?

Por duas razões: a primeira é que os jornaes, a opinião dirigida pelo dominantes, buzina diariamente no ouvido do povo que “os bandidos”, que o “horrendo assassinato”, que o “cruel espectaculo de destruição e morte” etc, etc, etc, - e alguns patáos embarcam na cantilena e sáem como automatós repetindo estas cousas, quando a verdade é que entre os taes “bandidos” fulminados pelos adjectivos da “imprensa independente” e os “mantenedores da ordem” que ella elogia, os sertanejos não hesitam – e preferem os “bandidos”! A segunda razão reside, como é facil de imaginar-se, nas proprias condições em que se deflagra e se amplia a actuação

